

GIRA DE ESCRAVOS NA UMBANDA DE SALVADOR- BA

Mackely Ribeiro Borges

mackely@ig.com.br

Universidade Federal da Bahia

Resumo

A umbanda é uma religião brasileira formada no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Rapidamente se espalhou pelo Brasil sendo muito praticada nos grandes centros urbanos. A umbanda praticada em Salvador-Bahia apresenta características próprias por ter incorporado elementos da cultura local em seu culto. Este artigo pretende descrever e comentar uma cerimônia umbandista chamada Gira de Escravos praticada regularmente num centro umbandista localizado em Salvador. Neste ritual alguns elementos da cultura local são colocados em evidência e a música assume um papel importante na condução deste evento.

Palavras chaves : umbanda, música, Salvador.

Abstract

Umbanda is a Brazilian religion formed in Rio de Janeiro in the first decades of the twentieth century. Quickly spread across Brazil, it is very practiced in the big urban centers. The umbanda practiced in Salvador – Bahia presents specific characteristics, having incorporated elements of the local culture in its cults. This article intends to describe and to comment an umbandista ceremony called Gira de Escravos regularly practiced in one umbandist centre in Salvador. In this ceremony some elements of local culture are placed in evidence, and music assumes an important role in the organization of the event.

Key words: *umbanda, music, Salvador.*

A umbanda é uma religião brasileira formada nas décadas de 20 e 30 do século XX no Rio de Janeiro. Rapidamente se espalhou pelo Brasil sendo muito praticada nos grandes centros urbanos. A proposta de nossa pesquisa, em andamento, tem como objetivo principal discutir o papel da música na umbanda no contexto da cidade de Salvador – Bahia. No levantamento bibliográfico e na pesquisa de campo foi observada a forte presença da enti-

dade exu no culto umbandista. Por ser a Gira de Escravos¹, uma cerimônia regular no centro umbandista estudado, esta será brevemente descrita e comentada neste artigo, como forma de exemplificar os elementos da pesquisa.

O culto umbandista apresenta uma fusão de vários elementos com origens distintas. O sincretismo se evidencia através da mistura do catolicismo da cultura branca européia, do culto aos orixás de origem africana e da influência indígena evidenciada na entidade do caboclo, carregando consigo toda uma simbologia inspirada na figura do ancestral indígena representado pelos primeiros habitantes do território brasileiro. Esta fusão de elementos de diversas naturezas dá a umbanda um caráter nacional que também reflete uma pluralidade de características dos praticantes, dando a esta religião uma capacidade de se adaptar a distintos contextos.

O sincretismo presente na formação e prática da umbanda tem conquistado muitos adeptos, tornando a religião muito praticada nos grandes centros urbanos. Segundo Souza (2001), a umbanda possui uma grande capacidade de adaptação ao meio social em que se insere, agradando tanto às classes mais pobres que procuram soluções para os problemas materiais, quanto às classes médias que procuram terapias a fim de aliviar as dores do corpo e da alma.

Outro aspecto que determina a conquista de grande número de adeptos é a grande identificação dos praticantes com as entidades cultuadas. Muitos estudiosos como Prandi (1996), Serra (2001) e Negrão (1989) dividem as entidades em duas linhas: a linha da direita e a linha da esquerda. Esta divisão obedece a concepção cristã adotada pela umbanda de separar o bem e o mal, porém, na prática umbandista o que acontece é uma relativização. A respeito disto Serra afirma:

o bom e o ruim se aproximam muito, se misturam, tornando necessárias estratégias alternativas para lidar com as coisas situadas entre um e outro marco de valor. Nesta perspectiva, há que aderir ao bem, mas não se pode ignorar o mal (SERRA, 2001: 248).

Este relativismo entre o bem e o mal é um dos fatores importantes na forte identificação entre os praticantes e as entidades cultuadas, pois gera uma humanização destas entidades. Desta forma, os praticantes se identificam com estes espíritos, que apesar de habitarem o plano espiritual, são passíveis de erros e acertos.

¹ Nome dado as festas dedicadas a Exu em Salvador.

As principais entidades da umbanda são: os caboclos, os pretos-velhos e as crianças pelo lado direito e, os exus e as pombagiras (versão feminina de exu) pelo lado esquerdo.

Assim como todas as entidades da umbanda os exus são espíritos que já viveram na Terra como homens de baixo valor moral, de conduta questionável como ladrões, aproveitadores, e malandros, ou pelo lado feminino, aquelas que prezam pela vida fácil: “prostitutas, cortesãs, companheiras bandidas dos bandidos amantes, alcoviteiras e cafetinas, jogadoras de cassino e artistas de cabaré, atrizes de vida fácil, mulheres dissolutas, criaturas sem família e sem honra” (Prandi, 1996:156). Os exus e pombagiras representam o lado esquerdo, mas possuem os dois lados, como uma moeda, o lado do bem e do mal. Os praticantes são unâimes em afirmar que sem exu não existe umbanda. Isto se explica por ele ser justamente a ponte entre este mundo e o mundo dos orixás, e pelas inúmeras funções exercidas, entre elas aquela no qual se baseia toda a filosofia umbandista: a prática da caridade. Para o exu e a pombagira o importante é atender aos pedidos dos clientes, realizando qualquer tipo de tarefa até aquelas em que “os caboclos, preto-velhos e outros guias do chamado panteão da direita se recusam a fazer, por razões morais, Exu faz sem pestanejar” (Prandi, 2001:55).

Na umbanda o exu aparece no plural, onde são encontrados dezenas deles e que exercem os mais variados tipos de funções, mas também estas entidades se apresentam de forma singular, onde cada um possui um nome e funções próprias. Prandi nos dá alguns exemplos:

Exu Veludo oferece proteção contra os inimigos. Exu Tranca Rua pode gerar todo tipo de obstáculos na vida de uma pessoa. Exu Pagão tem o poder de instalar o ódio no coração das pessoas. Exu Mirim é o guardião das crianças e também faz trabalhos de amarração de amor. Exu Pemba é o propagador das doenças venéreas e facilitador dos amores clandestinos. Exu Morcego tem o poder de transmitir qualquer doença contagiosa. Exu das Sete Portas facilita a abertura de fechaduras, cofres e outros compartimentos secretos — materiais e simbólicos. Exu Tranca Tudo é o regente de festins e orgias. Exu da Pedra Negra é invocado para o sucesso em transações comerciais. Exu Tiriri pode enfraquecer a memória e a consciência. Exu da Capa Preta comanda as arruaças, os desentendimentos e a discórdia.” (Prandi 2001: 58)

A mesma regra se aplica às pombagiras, que possuem nomes e funções próprias, mas sempre voltadas na busca de soluções para os problemas de ordem afetiva e sexual. Entre as pombagiras mais conhecidas está Maria Padilha, Maria Quitéria, Cigana, Dama da Noite, entre outras.

As cantigas da umbanda, chamada de pontos, são ensinadas pelas próprias entidades. Têm a função de dar encaminhamento ao culto e difundir valores e normas de comportamento relacionadas aos rituais. Cada ponto tem uma finalidade diferente. Dependendo do momento da gira, o ponto cantado pode ser um ponto de apresentação (para a descida da entidade), um ponto relacionado ao trabalho (trabalho da entidade dentro culto) ou ainda um ponto de subida (para a despedida da entidade).

Os pontos também retratam as características das entidades. No caso dos exus e pombagiras, os pontos muitas vezes destacam a feminilidade da pombagira e a conduta questionável dos exus. O exemplo de ponto a seguir, destaca as características mais visíveis da pombagira, como o uso de roupas com as cores vermelha e preta e o uso de perfumes e bijuterias:

De vermelho e preto vestindo a noite o mistério traz,
De colar de ouro e brinco dourado a promessa faz,
Se você quiser você pode vir peça o que quiser,
Mas cuidado amigo ela é bonita ela é mulher.

No centro de umbanda Rei de Bizará que serve de base para essa pesquisa, localizado no Bairro de Brotas em Salvador - BA, os exus e pombagiras assumem um papel de destaque na condução dos trabalhos realizados. Nesta casa, os exus são chamados de escravos, pois descem para trabalhar, cumprindo uma missão, ajudando aqueles que os procuram. Todo primeiro sábado de cada mês é dedicado a estas entidades, no qual o centro realiza a cerimônia de Gira de Escravos. Trata-se de uma festa onde estas entidades são homenageadas. Neste evento a música assume um papel fundamental na condução do ritual. A música permite que estas entidades se divirtam, dançem, além de atender o público presente.

Uma gira de escravos começa com uma sessão de defumação, onde todas as pessoas entram em contato com uma fumaça que tem a finalidade de purificar o corpo. Em seguida todos os médiuns vestidos de branco fazem uma roda e começam a cantar os pontos de chamada dos exus. Durante a gira vários pontos são cantados e os médiuns passam a incorporar os exus e pombagiras. Cada médium pode incorporar mais de uma entidade durante a cerimônia. As entidades quando chegam seguem o seguinte ritual: primeiro se apresentam desejando boa noite e falam o seu nome, em seguida anunciam a música que eles querem ouvir e dançar, se dirigem a um quarto reservado que contém um altar dedicado a estas entidades, cumprimentam todas as pessoas que estão participando da gira e bebem bebidas alcoólicas, muitas vezes oferecendo aos presentes. Quando termina a bebida, se despedem.

No momento em que a entidade se apresenta, todas as pessoas batem palmas e a saúdam, fazem questão de cumprimentá-las demonstrando respeito e aproveitam para fazer os seus pedidos.

Neste centro, os pontos são cantados e acompanhados por um atabaque e um agogô. Os instrumentos são tocados por duas mulheres e uma terceira mulher puxa os pontos que são cantados de acordo com o que está acontecendo no momento. Foi observado que muitas vezes a entidade incorporada ensina o ponto que gostaria de ouvir, chegando a repetir a letra várias vezes até as instrumentistas aprenderem para executarem. Podemos observar que diferente do candomblé praticado na Bahia, onde os instrumentistas são exclusivamente os homens, na umbanda praticada nesta casa a música é executada por mulheres.

Ao final da gira de escravos, todas as entidades vão embora e todos os presentes cantam a *capella* o Hino da Umbanda e rezam a oração do Pai-Nosso.

Hino da Umbanda
Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio, de Aruanda
Para todos iluminar
A umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza que nos conduz.
Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há,
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá!

Como já mencionamos, a umbanda é uma religião capaz de se adaptar ao contexto social em que é inserido. Esta adaptação à cultura local pode ser observada no culto umbandista praticado nesta casa em Salvador. Um exemplo desta adaptação é a comida servida no fim da Gira de Escravos. A refeição servida foi o Xinxim de Galinha com farinha feita

com azeite de dendê, uma comida típica do local. Outro forte sinal de adaptação cultural está na nomenclatura usada pelos praticantes, que se diferenciam muito de um lugar para outro. No Rio de Janeiro, onde a umbanda foi criada, a palavra exu é largamente usada, diferente da denominação “escravo”, utilizado por esta casa em Salvador. Neste centro, acredita-se que a palavra exu é muito forte e deprecia estas entidades que assumem um importante papel neste contexto.

Outra forma de adaptação pode ser encontrada no ponto cantado em que a mesma canção adquire algumas mudanças de um lugar para o outro. Um exemplo está num ponto de abertura de trabalho de exu, a primeira cantada num terreiro no Rio de Janeiro e a segunda cantada na Gira de Escravos deste centro:

Ponto cantado no Rio de Janeiro

Exu da meia noite
Exu da madrugada
Salve o povo de Exu
Sem Exu não se faz nada.

Ponto cantado em Salvador

Exu da meia noite
Exu da madrugada
Umbanda sem Exu
Sem Exu não vale nada

A música exerce um papel fundamental na condução de todas as cerimônias da umbanda. Os pontos, sempre cantados em português, são o fio condutor de todos os acontecimentos das cerimônias. Estudar e entender, a função e as influências que estes pontos sofram da cultura local é um dos objetivos desta pesquisa.

Bibliografia

- BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Edusp/ Pioneira, 1972.
CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 281-303.

FONSECA, Eduardo. Candomblé: A dança da vida um estudo antropológico sobre afiliação às religiões afro-brasileiras. Recife: Editora Massangana, 1999.

MERRIAM, Alan. The Anthropology of Music. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e religião na umbanda. Revista USP 31, São Paulo, v.31, p. 76-89, 1989.

_____. Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Edusp, 1996.

NETTL, Bruno. The Study of Ethnomusicology: Twenty-Nine Issues and Concepts. Urbana: University of Illinois Press, 1983.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 46-65, 2001.

_____. Herdeiras do Axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SERRA, Ordep. No caminho de Aruanda: A umbanda candanga revisitada. Revista AFRO-ÁSIA, São Paulo, n. 25-26, p.215-256, 2001.

_____. A umbanda em Brasília, dois estudos afro-brasileiros. Salvador: Editora UFBA, 1988.

SOUZA, André Ricardo de. Baianos, novos personagens afro-brasileiros. In: Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 281-303.